

# ESPORTE NA ESCOLA: MAS É SÓ ISSO, PROFESSOR?

*Irene Conceição Rangel Betti<sup>1</sup>*

## RESUMO:

O esporte tornou-se, nas últimas décadas, o conteúdo hegemônico das aulas de Educação Física, porém apenas algumas modalidades esportivas são eleitas pelos professores. Este ensaio procura discutir por que outras modalidades, e conteúdos não-esportivos pouco são utilizados, além de sugerir algumas possibilidades de uso destes conteúdos.

UNITERMOS: Educação Física Escolar, Esporte na escola

## INTRODUÇÃO

Atualmente, o esporte é o veículo mais utilizado como forma de difusão do movimento corporal na escola de 1º e 2º graus. Mais do que isto, somente algumas modalidades esportivas tais como o futebol, basquetebol e voleibol fazem parte do conteúdo das aulas de Educação Física. Outras modalidades como o atletismo e a ginástica artística raramente são difundidas entre os escolares desta faixa etária. Tendo em vista que os currículos que formam os professores incluem disciplinas como dança, capoeira, judô, atividades expressivas, ginástica, folclore e outras, de acordo com as opções de cada instituição, como explicar a pouca utilização destes conteúdos? Falta de espaço, de motivação, de material? Comodismo? Falta de aceitação destes conteúdos pela sociedade? Ou será que os professores desenvolvem somente os conteúdos com os quais têm maior afinidade?

Do ponto de vista do aluno, parecer haver realmente um identificação do significado da disciplina Educação Física com o esporte, principalmente a partir da 5ª série do primeiro grau. Aproximadamente 80% dos escolares entrevistados por CAVIGLIOLI (1976) consideraram a Educação Física sob uma ótica esportiva.

Não há mal algum nisto, desde que possa haver oportunidades para conhecimento de outras práticas, e o indivíduo tenha condições de optar. Mas ocorre que até os alunos percebem a existência de outras possibilidades mas estas não são veiculadas na escola.

Em pesquisa desenvolvida em oito escolas, públicas e particulares (BETTI, 1992), verifiquei que o conteúdo desenvolvido raramente ultrapassa a esfera esportiva; mais do que isto, restringe-se ao voleibol, basquetebol e futebol. Fato ainda mais alarmante foram as respostas dos alunos que, na maioria, afirmaram que gostariam de aprender outros conteúdos.

Observando estes pressupostos, o objetivo deste artigo é, baseado em bibliografia pertinente e em minha experiência profissional, discutir o que leva professores de Educação Física a optarem apenas pelos conteúdos esportivos, e sugerir formas de utilização de outros conteúdos.

## A INSTITUIÇÃO ESPORTIVA E A INSTITUIÇÃO ESCOLAR

A Educação Física tem no movimento tanto um meio quanto um fim para atingir seu objetivo educacional dentro do contexto escolar. O movimento pode ser entendido como uma atividade, no caso

*Professora-Assistente do Departamento de Educação Física do Instituto de Biociências da UNESP de Rio Claro e doutoranda em Educação da UFSCar.*

corporal, que se manifesta através do jogo, do esporte, da dança ou da ginástica. A escola assumiu o ensino do esporte, praticamente como única estratégia. E esta é uma constatação fácil de ser percebida em toda instituição escolar, tenha ela ou não estrutura para tal. Segundo BRACHT (1992) apesar da Educação Física haver lançado mão de um amplo leque de objetivos, como o desenvolvimento do sentimento de grupo, cooperação, etc, o objetivo da escola é tão somente a aprendizagem do esporte, ficando a ginástica e a corrida, por exemplo, como simples aquecimento, além dos jogos populares terem sido transformados em "jogos pré-desportivos". O esporte passou a ser o conteúdo hegemônico da Educação Física. Sentidos tais como o expressivo, o criativo e o comunicativo, que se manifestam em outras atividades de movimento, não são explorados quando o conteúdo escolar é apenas o esportivo (KUNZ, 1989).

Esta situação tem suas razões históricas, nem sempre lembradas. Tendo como marco histórico a Revolução Industrial, ocorrida na Inglaterra primeiramente, e espalhando-se a partir de 1850 para outros países da Europa e América, pode-se dizer que a Educação Física inglesa, diferentemente de outros países, não possuía um caráter militar de disciplina e treinamento. Assim, a contribuição maior deste país foi a do esporte. Com a ascensão da classe média ao poder político e influência social, houve uma reivindicação maior de privilégios educacionais que foi muito importante para o desenvolvimento e proliferação dos jogos esportivos. Inicialmente praticado pela aristocracia, o esporte passou a ser praticado também pela classe média, inclusive com a criação de clubes e associações esportivas. Sua expansão deu-se então, em quase todo o mundo, a partir do final do século XIX (BETTI, 1991).

A esportivização inicia-se na década de 50, com o Método Desportivo Generalizado, atingindo seu auge a partir da década de 70, onde o binômio mais

utilizado foi Educação Física /Esportes, chegando o governo a subordinar a Educação Física escolar ao esporte. *"Relembrando. no Brasil os elementos da cultura corporal/movimento predominantes na Educação Física foram. num primeiro momento. a ginástica e, num segundo - e esta é a situação atual - o esporte "* (BRACHT,1992).

Segundo KUNZ (1991) esquece-se que o esporte não é um fenômeno natural e sim, fruto da sociedade industrial moderna, reproduzindo, portanto, o proposto por esta sociedade no tocante às ideologias e à imagem de Homem. Sendo repassado nas escolas, é aceito como um saber inquestionável e evidente, sem transformações didáticas que o possam problematizar, tomando o indivíduo autônomo e capaz de competência social, um ser Sujeito de sua ação. Os códigos do esporte, tais como o rendimento atlético-desportivo, a competição, comparação de rendimentos e recordes, regulamentação rígida, sucesso esportivo e sinônimo de vitória, racionalização de meios e técnicas são utilizados pela Educação Física Escolar, e condicionam-se mutuamente, acabando a escola por desempenhar o papel de fornecer a "base" de uma pirâmide para o esporte de rendimento. O professor passa a professor-treinador e o aluno a aluno-atleta, uma vez que falta uma definição do papel do professor de Educação Física (BRACHT, 1992).

BELBENOIT (1976) acredita que o esporte é capaz de forjar o hábito, a necessidade e a vontade de viver sadiamente, sendo a forma mais rica e adaptada de nosso tempo, mas que a finalidade própria do esporte não é a educação. Apesar de se remeter ao esporte alguns objetivos tais como a saúde, a moral e o valor educativo, ele não o será, a menos que um professor/educador faça dele um objeto e um meio de educação.

Se o aprendizado dos esportes restringir-se ao processo ensino-aprendizado de técnicas, gestos automatizados, onde somente o professor-técnico as

conhece e domina, ou seja seu Sentido/Significado é compreendido somente pelo professor e ao aluno cabe executá-las da melhor forma, não será possível um questionamento sobre esta prática, a qual pode parecer "natural". Isto não quer dizer que se queira negar totalmente o esporte mas sim, levantar questões sobre sua orientação no sentido do Princípio de Rendimento e Concorrência, que selecionam os melhores, classificam e relegam os mais fracos. Há necessidade de mudanças tanto da "Ação" prática quanto da "Reflexão" teórica. *"A transformação didática dos esportes visa, especialmente, a que a totalidade dos alunos possa participar, em igualdade de condições, com prazer e com sucesso, na realização destes esportes"* (KUNZ, 1991,

Para PORCHER (1977) aumentar ou diminuir o número de horas dedicadas ao esporte não o tornarão necessariamente educativo. É preciso aceitar que o esporte (queira-se ou não) tornou-se um fenômeno social massivo devido à mídia, ao mundo dos negócios, aos periódicos especializados, etc (o mesmo acontece com o cinema, por exemplo e, no entanto, seu valor enquanto arte não é questionado); o esporte exerce um papel social (e isso não é depreciativo) e, por outro lado, é constituído pela atividade física pura. Não é possível adotar a "política do avestruz" ocultando qualquer um destes papéis.

A função do professor é a de promover o entendimento dos vários sentidos que os jogos esportivos possam ter, a resolução de conflitos que possam surgir em sua realização e a compreensão, e até, alteração de suas regras<sup>2</sup>. É preciso aprender a discutir o que acontece no esporte, por exemplo a questão política dos boicotes olímpicos, os ídolos, e não simplesmente negá-los.

<sup>2</sup> BETTI. I.C.R. Reflexões a respeito do esporte como meio educativo em aulas de Educação física escolar. Revista Brasileira de Ciência e Movimento. no prelo.

O professor de Educação Física é o mais indicado par abordar estes assuntos, sem no entanto, transformar a aula em pura teoria (PORCHER, 1977).

Estas considerações demonstram que, apesar da forma como o esporte é transmitido nas escolas, ele ainda é hegemônico no ensino da Educação Física de 10. e 20. graus, ou seja, a cultura predominante na escola é a cultura esportiva. Entretanto, faltam muitas coisas. É possível compreendermos nosso corpo, nossa expressão somente através da cultura esportiva? Parece-me que não. Nas crianças que entrevistei, a compreensão do corpo não foi sequer citada. Parece-me, portanto, que falta alguma coisa. Falta aos professores adquirir uma nova forma didática de ensinar o esporte, abordando a teoria (cognitiva, social e cultural) juntamente com a prática. Mas falta ainda um outro tipo de mudança, que é a introdução de novas modalidades esportivas, os diferentes tipos de dança e as atividades expressivas.

## OPERAR TRANSFORMAÇÕES

Várias sugestões de mudanças, tanto na forma de se repensar o esporte na escola, quanto na introdução de outras formas de atividades, têm sido proclamadas por diversos autores, inclusive apontando as dificuldades inerentes a este processo. Uma solução, na visão de KUNZ (1989), seria basear-se na "ação comunicativa" do processo de ensino, onde há uma formação especial de interação entre Educador e Educando, com uma práxis social. TAFFAREL et al. (1992), por exemplo, propõe que os alunos aprendam:

*... "a ginástica em todas as suas formas historicamente determinadas e culturalmente construídas; o fantástico acervo de jogos que eles conhecem confrontados com os que não conhecem; a dança enquanto uma linguagem social que permite a transmissão de sentimentos e emoções da afetividade*

*vivida nas esferas da religiosidade, do trabalho, dos costumes etc; o esporte como prática social que institucionaliza temas lúdicos da cultura corporal universal, e que se projeta numa dimensão complexa que envolve códigos, sentidos e significados da sociedade que o cria e pratica (p.219).*

Infelizmente presencio uma enorme resistência dos professores face a novas propostas de ensino. O mesmo parece acontecer com a escolha do que será oferecido como conteúdo aos alunos durante um ano letivo. Geralmente o ano é dividido em "bimestres letivos". No 1º bimestre é oferecido o futebol no 2º o handebol, no 3º o basquetebol e no 4º bimestre o voleibol. Se esta programação é cumprida, pelo menos consegue-se mostrar aos alunos quatro modalidades. O problema é quando ela é repetida para todos os alunos, independentemente da faixa etária e quando ela se repete ano após ano, sem alterações. Pior ainda é quando ela fica apenas no papel, e os alunos vêem apenas uma modalidade durante todo o ano. Neste ponto pergunto: onde ficam os conteúdos' como a dança de salão, a capoeira, a ginástica aeróbica, a musculação? Isto sem contar a ginástica artística, o folclore e o atletismo que também não são utilizados.

Por que isto acontece? Muitos podem ser os motivos. Talvez o receio de mudar ocorra pela insegurança dos professores em relação a conteúdos que não dominam, e desta forma trabalham com o que possuem mais afinidade. Ou por acreditarem que a escola não possui nem espaço, nem material apropriado, ou ainda por acharem que os alunos não gostariam de aprender outros conteúdos.

A idéia geral da população de que o professor de Educação Física é um atleta, ou melhor dizendo, um super-atleta, faz com que este professor sinta-se inibido para confessar que não sabe executar todos os conteúdos da disciplina. Acredito que é impossível conseguir que

todos os professores sejam capazes de dominar bem, a ponto de demonstrar. os vários fundamentos esportivos, danças, etc. Isto, entretanto, não impossibilita o professor de ensinar. Desde que ele seja capaz de se interessar por ensinar algo que não domine, existem outras maneiras de se ensinar. Existem, inclusive, propostas como as defendidas por MOSSTON (1978). HILDEBRANDT e LAGING (1986) GRUPO DE TRABALHO PEDAGÓGICO (1991) e até mesmo as idéias advindas do construtivismo, onde o aluno é a base mais importante para a construção do conhecimento, onde o professor deixa de ser o controlador do conteúdo.

Quando se pensa em ensino e demonstração, a primeira idéia que temos é a de que somente as crianças de pré-escola e Ia. a 4a. série do primeiro grau não necessitam ver uma habilidade bem demonstrada para a aprenderem. ou seja. o professor não precisa demonstrar um salto para que o aluno aprenda. Já com os alunos mais velhos a idéia é outra, o professor precisa demonstrar. Para quem acredita nisto é interessante ler os escritos de HILDEBRANDT e LAGING (1986). Neste livro encontramos exemplos de aulas práticas onde o professor não utiliza a demonstração. Além disto os próprios meios de comunicação, como a televisão. revistas e jornais estão aí para nos ajudar e devem ser aproveitados.

Duas coisas importantes, entretanto, precisam ficar claras. A primeira é que não estou invalidando a demonstração do professor. Se ele for capaz de demonstrar, mesmo que sem extrema perfeição. deve aproveitar esta capacidade, pois é uma forma a mais de ensinar. Apenas não acredito que um professor que não consegue demonstrar não seja capaz de dar aulas, assim como não defendo a demonstração em todas as aulas. O aluno precisa pensar e não somente reproduzir. A segunda é que o professor, se não conhece ou não domina um conteúdo precisa estudar.

Os livros que descrevem os fundamentos esportivos, de ginástica, jogos ou danças precisam, sim, serem utilizados. Tais livros foram, de certa forma, deixados em segundo plano, quando se iniciou um novo tipo de discussão a respeito da Educação Física como disciplina acadêmica. Creio que o maior erro da Educação Física foi abandonar o que sabia fazer bem. Partiu-se para uma nova forma de compreensão do movimento humano, renegando de certa forma, o conhecimento que já possuía. Precisamos encontrar um meio termo, que é o que já vêm tentando alguns autores (HILDEBRANDT e LAGING, 1986, GRUPO DE TRABALHO PEDAGÓGICO, 1991; KUNZ, 1991; FREIRE, 1989).

A questão do espaço em algumas escolas é realmente um assunto delicado. Várias escolas que conheço não possuem um espaço apropriado para a prática da Educação Física. Entretanto, a restrição a que se impõe o próprio professor é, muitas vezes, o maior empecilho à prática. Isto ocorre justamente pela associação aula de Educação Física/Esporte, ou seja, o professor sempre imagina uma aula na quadra, com bolas oficiais, etc. Quando isto não existe na escola, ou quando a quadra não pode ser utilizada, a aula termina. Mesmo que o conteúdo a ser desenvolvido seja a ginástica, por exemplo, ou a dança, a aula é, via de regra, realizada na quadra. A escola acaba preocupando-se com a organização do espaço físico voltado aos padrões esportivos vigentes e adapta este espaço apenas com fins de competições esportivas. Assim, em escolas temos quadras, mas não salões de dança, por exemplo; os próprios professores acabam não sabendo fazer outra coisa a não ser utilizar as instalações esportivas (KUNZ, 1991). Espaços naturais e materiais não convencionais são esquecidos.

Em relação ao material observa-se o mesmo tipo de problema. Utilizam-se materiais caros, com pouca durabilidade, como no caso de bolas, onde nem o

Estado, Prefeitura ou escola particular sente-se responsabilizado pela compra. Entretanto, também neste item não observamos uma renovação. Poucos são os professores que procuram utilizar outros materiais, diferentes dos convencionais nas aulas. Isto define, inclusive, o tipo de conteúdo a ser desenvolvido. Se uma escola possui apenas bolas de basquetebol, o conteúdo girará somente em torno deste esporte. Embora isto inviabilize alguns conteúdos esportivos, não impossibilita outros.

Vamos a alguns exemplos. A dança de salão é um deles. Para realizá-la é necessário apenas um espaço e gravador. Não há necessidade de que o professor conheça todos as danças existentes, o que seria mesmo impossível. Os próprios alunos podem contribuir com alguns passos ou podem realizar um pesquisa com seus familiares e amigos, levando o resultado para a aula. Uma das maiores contribuições deste conteúdo é a possibilidade de participação de ambos os sexos nas aulas. Outra contribuição importante é a inclusão de danças folclóricas que podem também ser adaptadas para a dança de salão. Para as danças folclóricas pode-se utilizar vestimentas adaptadas com papel, jornal, etc, tomando mais rica a sua caracterização.

Um outro exemplo é o atletismo que, apesar de ser considerado como um conteúdo esportivo, é aproveitado apenas em parte como a corrida de velocidade, de resistência e alguns saltos. A falta de barreiras, colchões e pesos impedem a aplicação de todos as provas. Isto também pode ser superado pela utilização de barreiras confeccionadas com latas, cimento e cabos de vassoura, colchões com pneus, e pesos feitos de areia e tecido. Cabos de vassoura cortados em pequenos pedaços se transformam em excelentes bastões para revezamento. O governo do Estado de Rondônia já lançou um pequeno manual em que são aproveitados materiais da região como cipós, bambú e latex (RONDÔNIA, 1990).

Sei que a utilização de material tipo sucata gerará a discussão sobre o papel do Estado e até das escolas particulares na compra dos materiais de Educação Física. Concordo que esta responsabilidade realmente é esquecida pelas instituições. Neste caso creio que devemos fazer duas coisas: brigar pela compra dos materiais, mas não deixar de oferecer um melhor conteúdo pela falta do mesmo. Ficar de braços cruzados até a aposentadoria não resolverá nada.

Em relação ao ponto de vista dos alunos, os entrevistados em BETTI (1992) que haviam aprendido apenas um ou dois esportes, afirmaram taxativamente que gostariam de uma maior diversificação dos conteúdos ensinados. É claro que quando um aluno já passou pela experiência de vários conteúdos pode afirmar qual a sua preferência. Optar por um ou outro torna-se fácil; difícil é fazer uma opção aprendendo um ou dois conteúdos apenas. Tive oportunidade de visitar escolas em que os professores limitavam-se a um único conteúdo. Em uma delas o eleito era o voleibol, em outra o handebol e, mesmo em uma escola em que os alunos podiam escolher um esporte, esta escolha era realizada apenas entre quatro opções. Creio que a Educação Física é muito mais rica do que isto.

## CONCLUSÃO

É impossível, atualmente, negar aos alunos, nas aulas de Educação Física de 1º e 2º graus, o aprendizado de esportes. Mais do que isto, temos que aceitar que este é um fenômeno da cultura corporal de movimento e trabalhar adequadamente com ele. O que não podemos aceitar é que a forma como este conteúdo é transmitido não passe pela compreensão e transformação do aluno. Falta, portanto, construir uma nova forma didática de utilização dos esportes

na escola que consiga delegar a este fenômeno a tão almejada educação pelo/atraves do esporte.

Apesar da importância deste tema, tentei empreender neste artigo uma outra discussão no sentido de questionar a pouca utilização de outras modalidades esportivas e outros conteúdos da Educação Física para que a mesma não continue sendo vista como o binômio Educação Física/Esporte e muito menos Educação Física/ "alguns esportes".

Vários motivos podem servir como explicação para o fato da não utilização de outros conteúdos. Tentei neste artigo discutir alguns deles sem, no entanto, entrar no mérito de condutas destas aulas, coisa que já vem sendo discutida, como já afirmei anteriormente.

Certamente outros fatores, além dos que procurei discutir, podem estar intervindo na escolha dos conteúdos pelos professores de Educação Física. Cabe agora a estes professores tomar a decisão de questioná-las e mudar. Serão eles os atores reais que, efetivamente, dentro da escola, na quadra, no chão, permitirão tais mudanças. Suas condutas é que mudarão, ou não, os rumos da Educação Física, suas condutas é que proporcionarão, ou não, um crescimento contínuo da Educação Física.

## ***SPORT IN SCHOOL: IS THAT ALL, TEACHER***

### ***ABSTRACT***

*Sport became, in the last decades, an hegemonic content of Physical Education classes. However, only a few of sport modalities are chosen by Physical Education teachers. This article discusses why other modalities and nonsportive contents are less utilized and it proposes some possibilities for the use of these contents.*

*UNITERMS: School Physical Education. Sports in school*

- BELBENOIT, G. *O desporto na escola.* Lisboa: Estampa, 1976.
- BETTI, M. *Educação Física e sociedade.* São Paulo: Movimento, 1991.
- BETTI, I.C.R. *O prazer em aulas de Educação Física Escolar: a perspectiva discente.* Campinas: FEF-UNICAMP, 1992. Dissertação (Mestrado em Educação Física Escolar).
- BRACHT, V. *Educação Física e aprendizagem social.* Porto Alegre: Magister, 1992.
- CA VIGLIO LI, B. *Sport et adolescents.* Paris: I. Vrin, 1976.
- FREIRE, J. B. *Educação de corpo inteiro : teoria e prática da Educação Física.* São Paulo: Scipione, 1989.
- GRUPO DE TRABALHO PEDAGÓGICO UFPe-UFSM *Visão didática da Educação Física: crítica e exemplos práticos de aulas.* Rio de Janeiro: Ao livro técnico, 1991.
- HILDEBRANDT, H. & LAGING, R. *Concepções abertas no ensino da Educação Física.* Rio de Janeiro: Ao livro técnico, 1986.
- KUNZ, E. O esporte enquanto fator determinante da Educação Física. *Contexto & Educação*, v.15, p.63-73, 1989.
- Educação Física: ensino & mudanças.* Ijuí: UNIUI, 1991.
- MOSSTON, M. *La enseñanza de la Educación Física.* Buenos Aires: Paidós, 1978.
- PORCHER, Louis. El deporte en la escuela. *Stadium*, v.65, p.8-11, 1977.
- Rondônia (Estado) Secretaria de Estado da Educação. Coordenadoria Estadual de Ensino Rural. *Construindo e utilizando material de Educação Física.* Porto Velho: Autor, 1990.
- TAFFAREL, C.N.Z., SOARES, C. L., ESCOBAR, M. O. A Educação Física escolar na perspectiva do século XXI. In: MOREIRA, W. W. (org.). *Educação Física & Esportes: perspectivas para o século XXI.* Campinas: Papyrus, 1992.